

Palmeira quer esquecer o passado

■ Vice de Cardoso tenta mudar imagem, renega Collor e se esforça para camuflar ligações com 'república das Alagoas'

JOSÉ DE ARIMATEIA

MACEIÓ — A chapa presidencial da aliança PSDB-PFL-PTB tem sido marcada — entre tantas outras coisas — pela presença do candidato a vice, senador Guilherme Palmeira, do PFL de Alagoas. Na semana passada, com uma ameaça de renúncia, Palmeira forçou a intervenção no PFL alagoano sob o argumento de que o apoio dos pefelistas locais à chapa inspirada pelo ex-presidente Fernando Collor comprometia a aliança nacional com o PSDB e arranhava sua biografia. Bem sucedido na operação, Palmeira, no entanto, deslocou momentaneamente para si e para o pantanoso cenário político alagoano a marcha do processo sucessório.

Esta última preocupação do candidato a vice de Fernando Henrique Cardoso é recente e contradiz seu passado. Além ter sido o responsável pela entrada de Collor na política, ao nomeá-lo prefeito de Maceió quando governava Alagoas no final dos anos 70, Palmeira manteve boas ligações com o ex-presidente até o momento em que a CPI do PC ganhou fôlego e o impeachment tornou-se inevitável. O prestígio com Collor serviu-lhe como credencial para ser influente negociador no acordo com o qual o então governador em fim de mandato nas Alagoas, perto de sair candidato a presidente, beneficiou algumas dezenas de usineiros de seu estado.

Por esse acordo, o governo fez drástica redução nas alíquotas de ICMS — e graças a ela os usineiros alagoanos deixam de recolher US\$ 50 milhões por ano aos cofres estaduais. A gratidão viria em substanciais contribuições, recolhidas por PC Farias, para a campanha presidencial do ex-caçador de marajás. O que o Tesouro de Alagoas deixa de arrecadar mensalmente dos usineiros cobriria mais de 30% da folha de pagamento dos 110 mil servidores públicos, que hoje vivem às turras com governador Geraldo Bulhões (PSC), herdeiro do acordo, por causa dos baixos salários e dos atrasos de pagamento.

Plantada nesse terreno onde o adubo pode fazer vicejar candidaturas, mas é capaz de destruir reputações, a eleição de Palmeira para o senado — embora não se tenha notícia de seu envolvimento direto nas fraudes — foi, aparentemente, beneficiada pelo esquema de corrupção que elegeu o atual governador Geraldo Bulhões (cuja chapa integrava). Este esquema usava a máquina da LBA, presidida por Rosane Collor, suborno a juizes e artifícios como sanduíches recheados de dólares, entregues a mesários das juntas apuradoras. O deputado federal Augusto Farias (PSC) repetiu em várias entrevistas recentes que o irmão PC injetou pelo menos US\$ 15 milhões na campanha de Bulhões.

O principal prejudicado pelas fraudes daquela eleição, Renan Calheiros, denunciou todo o esquema e rompeu com Collor na semana pré-eleitoral. Perdeu a eleição, mas hoje, candidato ao Senado e de olho no apoio de Guilherme Palmeira, está convencido de que o vice de Cardoso sequer tinha conhecimento das fraudes: "O Guilherme não precisava da compra de votos. Era o nome mais popular para o Senado em Alagoas, mesmo porque o candidato de minha chapa, Franciso Mello, era fraco de urna."

A Justiça Eleitoral decretou a prisão de uma juíza, condenada a três anos, e confirmou a distribuição de 400 mil cestas básicas da LBA nos dias anteriores à votação. De uma só vez, a Polícia Federal chegou a apreender seis caminhões com cestas básicas que seriam distribuídas a eleitores no interior. A contagem final dos votos demorou dois meses e, mesmo assim, as eleições não foram canceladas. A chapa vitoriosa tinha Geraldo Bulhões como governador e Palmeira como senador (341 mil votos), com mandato até 99.

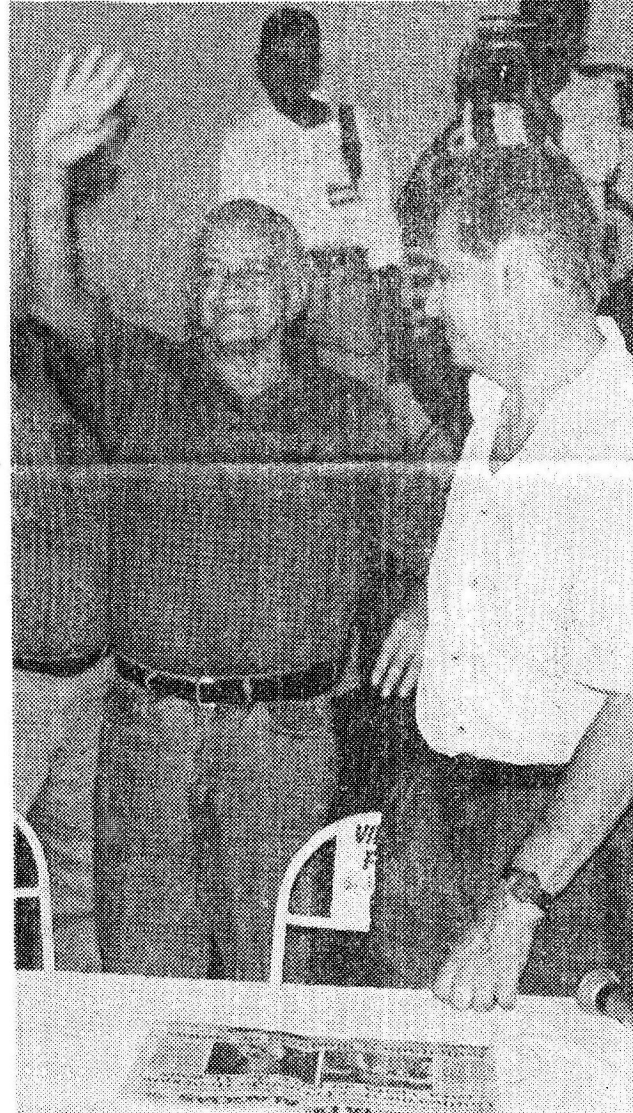
Em Maceió, Guilherme Palmeira é apontado por adversários como *procurador de usineiros*. O apelido é prontamente repellido por um de seus principais auxiliares, Rui Guerra, embora ele confirme que o senador pefelista teve papel importante no acordo com os usineiros. "Ele não é porta-voz dos usineiros, é amigo dos usineiros. O Guilherme estava apenas cumprindo seu papel", explica Guerra, ex-diretor do DER (Departamento de estradas de Rodagem de Alagoas) no governo de Palmeira.



A nomeação de Palmeira para o governo de Alagoas foi obra do senador Daniel Krieger, que avalizou seu nome junto a Geisel

Maceió — Solano José

Reprodução



Na chapa de Cardoso, brigou com o PFL alagoano



No Palácio dos Martírios, abriu para Collor as portas da cena política

Delmiro Gouveia, AL — Solano José

Reprodução



Para garantir palanque ao tucano, ameaçou renunciar à candidatura



No Senado, ajudou usineiros em negociações com BB

Delmiro Gouveia, AL — Solano José



Na primeira viagem de campanha ao Nordeste, orientou os passos de Cardoso pelos currais eleitorais de Alagoas atrás de votos

Memórias de um ex-collorido

Um dos *satélites* mais próximos de Palmeira na constelação das Alagoas, Rui Guerra garante que o hoje vice de Fernando Henrique Cardoso andou bom tempo afastado de Collor. "A reproximação começou com os problemas do setor açucareiro", conta. "Guilherme era um dos poucos políticos que Collor respeitava."

Na versão de Guerra, quando foi procurado pelos empresários do açúcar — que acabariam favorecidos com o perdão do governador Collor a suas dívidas —, Palmeira respondeu que não poderia se furtar ao papel de interlocutor, embora soubesse que posteriormente a fatura seria cobrada. "Ele não sugeriu o acordo, foi apenas um veículo de entendimento", Guerra afirma que, na mesma condição, Palmeira representou usineiros de seu estado em pleitos ao Banco do Brasil, principalmente na redução de dívidas em atraso.

Embora devotado à política, Guilherme Palmeira — que é dono da TV Pajuçara, repetidora da Globo, concessão do governo Figueiredo — nunca foi estranho aos canaviais. É um dos donos do Engenho Prata, no fértil município de São Miguel dos Campos, herdado do pai, o senador Rui Palmeira (da antiga UDN). O velho Rui foi um dos arrecadadores de fundos, em Alagoas, para o golpe militar de 64 (o outro foi o senador Arnon Afonso, pai de Fernando Collor). O Prata está ligado aos Palmeira desde o século passado.

Hoje, a maior parte das terras está arrendada a outros plantadores de cana, e uma parcela é administrada por Miguel Palmeira, um dos irmãos do senador. A casa-grande continua de pé, imponente em seus mais de 100 anos. O morador mais antigo do engenho, Espereidião Isidoro dos Santos, 84 anos, há 55 vivendo no Prata, chegou a carregar

Guilherme Palmeira no colo. "Quando garoto, ele adorava isso aqui. Depois, foi estudar no Rio e tomou gosto por outra vida."

A outra vida foi a política, sereia que encantou também seu irmão Wladimir Palmeira.

Dono da TV Pajuçara, sempre teve um pé nos canaviais

Estudantes universitários no Rio, cada um tomou rumo diferente nos anos 60. Agastado com as injustiças sociais e a fama de filho de senhor de engenho, Wladimir radicalizou, liderou revoltas estudantis, foi preso, exilado, e só voltou ao Brasil com a anistia. Hoje é deputado federal do PT-RJ.

Guilherme, formado em Direito em 63, foi nomeado assessor parlamentar no gabinete do senador Daniel Krieger (Arena-RS, já falecido), cargo no qual acaba de se aposentar. Mesmo com nomeação em Brasília, entre 66 e 78 cumpriu três mandatos como deputado estadual de Alagoas, pela Arena.

Padrinho de seu filho mais velho, Rui Palmeira Neto, Daniel Krieger foi o avalista, junto ao presidente Ernesto Geisel, de sua nomeação para governador indireto de Alagoas, em 79. Do Palácio dos Martírios, Palmeira saiu para o primeiro mandato de senador (PDS), com a popularidade firmada e sempre alinhado com o governo federal. Em 88, disputou a Prefeitura de Maceió pelo PFL, derrotando Renan Calheiros, candidato do governador Collor (então no PMDB).

Em 91, de volta ao Senado, reaproximou-se de Collor a ponto de tentar remediar a briga entre Pedro e o irmão presidente, no início de 91.

Na única entrevista que deu sobre o assunto (ao *Jornal de Hoje*, de Alagoas), Palmeira afirma que não foi Collor quem pediu ajuda. Ele próprio tomou a iniciativa de pedir uma audiência a Collor, depois que Pedro o procurou contando detalhes do esquema PC. O intermediário da audiência foi o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC).

Palmeira teria dito ao presidente: "Se o que seu irmão diz for verdade e ele tornar público, você cai." Collor concordou com a argumentação, segundo Palmeira, mas garantiu que Pedro estava maluco e todas as denúncias eram mentirosas. O senador teve novo encontro com Pedro e ele reiterou as acusações. "Então, faça o que quiser, mas é bom que todos se previnam. Vamos enfrentar uma crise violenta", encerrou Palmeira, que a partir daí afastou-se do presidente.